

COLEÇÃO POESIA MODERNA

-1-
Temas do Meio-dia

DE

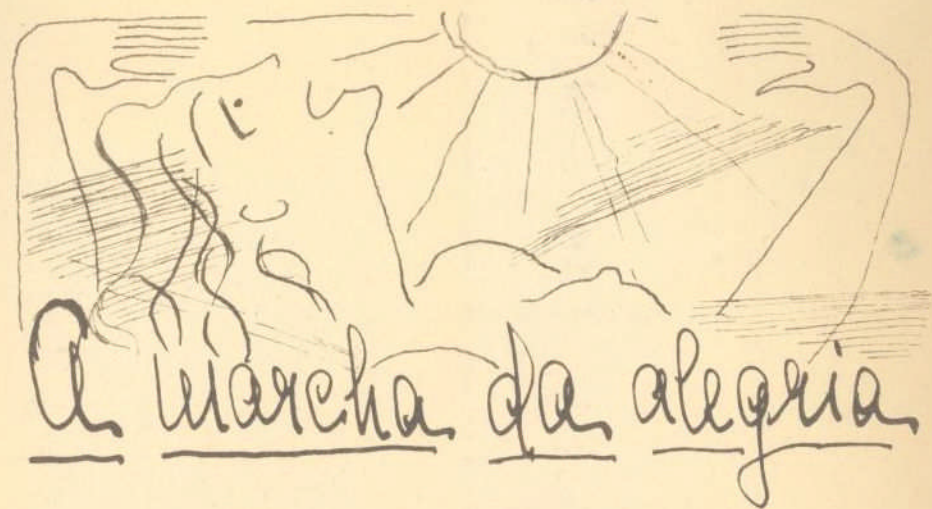
MAURA DE SENA PEREIRA

ILUSTRAÇÕES DE Q. CAMPOFIORITO

RIO-1949

EDITOR-V. P. BRUMLIK

115. M. S. P. U. Biblioteca Pública
do Estado de Santa Catarina,
Imagem de
Murça de Serra de Santa
Polis, outubro, 1953



A Marcha da Alegria
Eu nasci para amar a vida
com uma intensa alegria:
com a alegria das águas
rolando nas montanhas,
das chuvas desejadas e dos
campos maduros;
com a alegria solta dos corujas
descalços;

com a alegria dos vinhos e
das colheitas,
com a alegria do amor e
da primavera,
das viúvas sem dezembro e
das roseiras em flor.

Amanheci,
querendo amar a vida
furiosamente,
perdidamente..

Agora, que vai soando meio-dia,
lembro meu souho fresco de
alegria.
Lembro também, oh irmãos
torturados de todas as raças,
o que conheci depois do amanhecer:

a sede dos desertos,
a beira dos abismos,
o abraço dos sinistros,
o fragor das tempestades.
Ulas, tocada pela dor exequi
meu semelhante
e ouvi os gemidos do mundo.
Então, aquela ânsia inflamada
do meu coração
cresceu como o universo,
espalhou-se pela terra,
então a humanidade.

Com os óleos da ternura impulsionando
meus sonhos,
penso, agora, no amanhã
em que serei, apenas, carne morta.

desfeita na terra brava.
Ah, chegarei até as raízes,
subirei pelos troncos molhada
de seiva
e, insinuando-me nos rebentos,
nos botões,
nas flores tropicais ou nos frutos
ácidos,
virei espiar, vingada, o mundo
diferente.)
Penso no amanhã
e ardo nesta nova ânsia,
que me animará, eu sei,
até quando me envolverem
as sombras da noite:
que a humanidade toda possa
conhecer.

na alma e na carne,
no peito e na boca,
a humana alegria,
a alegria louca
que eu sonhei para mim
quando o botão da minha
vida abriu,
no amanhecer.

Libertação

Que eu saia de mim
e corte com ânsia todos
os mares
e chegue a todas as praias
sem fadiga.
Que eu esteja nas grandes
planícies, nas montanhas,
no lodo,

e no tumulto, nos lagos e
na orla das ensладas.

Que eu saia de mim
e fique nos caminhos o
meu hálito.

Que todos os clamores e todos
os risos

e também todos os silêncios
repercutam em minha orelha

e a minha língua se torne
clara e ardente como o sol

e todos me entendam, os ricos
os pobres.

Que eu saia de mim
e, com a soma de minhas

libertações
e a massa de minhas vitórias

me volte leve e humana para
as angústias e os problemas dos
homens.

Que eu saia de mim
e jamais interroque sobre
o princípio, sobre o fim.
mas sempre diante do universo
meu espírito agnóstico seja
um olho comovido.

Que eu saia para sempre de
mim

e seja uma nova criatura,
em que as coisas e os seres

tenham grãdas.

Que eu não volte para mim,
que para sempre me perca

e da criatura salva
todos sejam impregnados.



Poema do fogo ardente

Flastes estalam,
ramos e troncos se acabam
nas chamas vandálicas.

E' a queimada,
são árvores mortas desaparecendo
no meio da beza perversa
das línguas vermelhas do fogo.

Ossos estalam,
músculos e vísceras se acabam
nas labaredas cínicas.

E' o castigo incandescente,
são heróis e santos,
cristãos e bruxos,
mártires moços e velhos paládios,

é Joana d'Arc, Giordano Bruno,
Savonarola,
que ardem na fogueira.

Não posso ver chamas assim
altas:
me lembro logo dos condenados
que tiveram os corpos vivos
transformados
em lanternas loucas, disformes.

Não são árvores, não, que ardem
na queimada:
são crânios, peles, entranhas,
seiva escarlata a fumegar...!
Em lugar de árvores, o que vejo
são homens,

são todos os amadores da
acabando-se num ^{liberdade,} brilho mau.
E esta visão bárbara
derrama no meu ser
o medo atrevido
de uma nova noite medieval.

Campossanto

Passei a manhã na cidade
dos mortos
da minha cidade.
A beira da tumba dos meus
mortos,
plantando, ali, com gratidão, a
semente
da qual, na primavera, sairá
um cacho novo, uma flor esguia.

Passeando, depois entre mausoléus
faustosos e lápides
humídes.
Olhando a terra remexida das
tumbas frescas,
e água triste nos jarros abandonados.
Passei a manhã na cidade dos
mortos
e trouxe de lá uma homenagem
maior
à vida.

Parece que meus pés andaram
sugando seivas estranhas
naquelas terras em que os mortos
se misturaram.
Haurindo apelos causticos das
ossadas frias.
Seivas, apelos
que me subiram às células, as veias,

aos ramos vivos dos meus braços,
à fronde agitada dos meus
pensamentos.
Parece que, pelas raízes móveis
dos meus pés,
ganhei energias possantes
e, voltando, saudei as cachoeiras
do caminho,
as avencas e os cedros.
Saudei a luta, o sof.
Mas eis que, nessa plena
integração nos seres e
nas coisas,
nessa ânsia de viver e de
amar em todos os
minutos,
começou a pulsar minha ^{rebelada} ~~apostrofe~~
contra tudo que não deixa a vida
ser uma deliciosa caminhada. ^{breve}

Quêrê - Mirim

Quando me deito nos teus
canteiros mornos,
não me basta o pensamento
quase bíblico
de que sou feita do teu barro.
Meu corpo é o teu imenso corpo
de ilha
e minha alma invade as tuas
entradas,
participando da tua febre criadora.
Meu sangue é o ^{resgão} líquido
dos teus rios,
a linfa nervosa das tuas cachoeiras,

a água matuta das tuas lagoas.
Plantas rebentam de tuas
carnes, de meus chãos,
e sinto-me carregada de tua
seiva e do teu pólen.

Quando me levanto, a sacudir
a tua poeira morena
e ungida com o perfume de
vinte lírios novos,
e mulher e terra deixam de
ser uma unidade
paga,
ainda sinto-me prender e
me abraçar
e envolver, implacável, a tua
existência cósmica
o abraço varonil do mar.



O poema que eu não escrevi

Eu poderia escrever, hoje, um
poema tumultuoso:
cheio dos meus sentidos, dos meus
entusiasmos,
rescendendo a raízes e musgos,
lembrando resinas e brotos,
águas de rio e brilhos de sol.

Mas, quando eu voltava, hoje,
para casa,
depois de um banho buço,
à beira das pedras e das areias
possuídas pelo sol
de manhã,
trazendo bagas do rio a brilhar
nos anéis dos cabelos,

descalça como outrora, vovó cumbá;
quando' eu voltava,
pronta para escrever meu poema
ao dia, à terra e à vida,
encontrei aquele reberto mirrado
da raça dos párias.
Aquele pequena criatura humana,
sem beleza e sem amor, apagada
e farrista.

No meu poema de hoje, ^{de certo,} ^{correria,}
a mais viva alegria de viver, ^{animada,}
e ^{psíquica.}
Mas encontrei no caminho a fraqueza,
a miséria e a dor.
Onde está, agora, o gosto de cantar
meu canto ^{fontista,} minha volúpia
o gosto que eu trazia nos lábios ^{da,}
esta manha? ^{nos dedos}



Eu verdade
te digo

Eu verdade te digo que não
foi naquela hora
que te pertenci:
quando me tomaste nos
teus braços poderosos
e me tiveste sob teus beijos
e tua respiração.
Eu verdade te digo que não
foi naquela hora,
mas quando, diante do teu, surgiu
meu espírito livre e novo
de reberto inquieto deste século

e descobrimos todas as comunhões
das nossas almas.
Quando conheste as minhas
derrotas
e disseste que eram triunfos.
Quando viste pulsar meu coração
e o festejaste.

Quando soubeste que meu
sempre
os teus pensamentos são os
meus pensamentos
nem os teus caminhos são os
meus caminhos.

Mas o amor brilhou como
nunca em tua face
e me surpreendeste com a
cascata de palavras de que eu
desde a minha primeira hora consciente
Foi quando te pertenci.

Quero ajudar

Quero ajudar a construir o
mundo futuro
e colocar a minha pedra
no lugar exato e na hora certa.
Quero conter a pressa de ajudar,
deter os passos rápidos e as mãos
sôfregas,
ordenar minhas faixas de desajustes,
ser vigilante, compreensiva, tenaz.
Deixar no grandioso edifício
a minha pedra
com a mão segura para que ela
e role nos espaços, tombando
com um ruído sônico,
feita escombros, antes de ser coluna.
Quero deixar segura a minha pedra.

Altos frisos a revestirão
esculpidos por sábias mãos alheias.
Mas, pequena e animada, direita
e firme,
ela estará lá dentro ajudando.
Quero ajudar a construir o
mundo futuro,

o mundo sem fascismo e sem miséria,
luminoso, rasgado, justo.

Quero permanecer alerta
e colocar a minha pedra
no lugar exato e na hora certa.

